

Espaço aberto

TEXTO ESCRITO A CONVITE DO LI

Miguel Bahury

Coordenador de Pós-Graduação em Finanças Corporativas e Mercado de Capitais da Universidade Estácio de Sá



Torcedor-acionista pode mudar a vida dos clubes



Pregão da bolsa: dinheiro para o clube investir e manter talentos

A temporada do futebol brasileiro chega ao fim e, ainda com bola rolando, os clubes se mobilizam para reforçar seus elencos para o ano que vem. O que é ótimo. Mas já anunciam, também, e em tom conformado, a perda de jovens talentos, assediados por clubes europeus de maior poder financeiro. O que é péssimo.

No momento em que a economia respira ares de estabilidade e entra em fase de crescimento sustentável, é hora de nosso futebol pegar carona nesta onda positiva. O mercado de valores mobiliários é um caminho para o fortalecimento das instituições. Há anos, grandes clubes da Inglaterra, Itália, França, Alemanha e Portugal têm ações negociadas nas bolsas.

Juventus, Roma, Lazio, Manchester, Benfica e Lyon: empresas de capital aberto

Captam recursos que lhes permitem montar times vencedores, que rendem títulos e dinheiro. Mais do que isso, estreitam a relação entre clube e fãs, permitindo a cada torcedor, do mais humilde ao mais rico, ser dono de uma fatia do clube do seu coração através da compra de ações.

Empresas captam recursos no mercado de capitais de diversas formas. A emissão de ações ou debêntures é a mais comum. No 1º caso, você torna-se acionista, "sócio" da companhia. No 2º, torna-se credor. Para isso, as empresas têm que abrir capital através de uma oferta pública inicial de distribuição, conhecida pela sigla em inglês IPO (Initial Public Offering), que deve ser registrada na

Comissão de Valores Mobiliários, a CVM, responsável por fiscalizar e regulamentar o mercado.

Para se ter uma idéia do crescimento do setor, em 2004 foram registradas na CVM nove emissões de ações. Em 2007, 56 empresas já fizeram IPO e 27 aguardam autorização. Nestes três anos, o total de registros envolvendo ações, debêntures e outras captações saltou de R\$ 24,4 bilhões para R\$125 bilhões, um aumento de 412 %.

Entrar no mercado de valores mobiliários não é tão simples. Primeiro, é preciso que os clubes se organizem como empresas, se afastem de vez do modelo amadorístico. É preciso que tenham finanças estruturadas, balanços confiáveis, transparência e profissionalismo na gestão e na aplicação dos recursos. É preciso que sigam as regras rígidas da CVM.

Numa linguagem simplificada, funciona assim, por exemplo: a empresa (o clube) avalia quanto vale, divide esse valor em pequenas partes (as ações) e, autorizado pela CVM, coloca essas ações à venda na bolsa. Assim, o torcedor ou investidor torna-se acionista. E, se o clube tiver sucesso, poderá, além das vitórias, compartilhar os ganhos obtidos por uma boa administração. Além de ter mais condições legais de fiscalizar a conduta dos dirigentes, corrigindo os desvios e evitando que suas ações se desvalorizem.

As sociedades empresárias esportivas são o único caminho para que nosso futebol mude de patamar. Avançar um pouco mais e chegar às bolsas é um passo ainda mais promissor e indispensável se quisermos manter nossos craques jogando no Brasil.